

I

Chegados de Budapeste. Dois vultos de noite. Duas manchas escuras sobre uma grande mancha escura. Mas as duas pequenas manchas escuras agem, têm um objectivo; a noite, essa — a grande mancha escura —, tudo indica que não; não tem objectivo.

Primeiro destroem o cadeado. A fechadura da porta do armazém é robusta. Utilizam o fogo. Depois um empurrão entusiasmado, dois corpos contra um portão alto e largo, mas já sem fechadura. Igual a uma pessoa indefesa: um portão indefeso; fechadura partida.

Os dois homens entram para um novo escuro, um escuro mais pequeno, fechado, organizado. É dentro da noite, mas fora da noite.

Sabem bem o que procuram, os dois homens. Há muitos objectos guardados no armazém, mas os dois homens não vêm visitar, não estão perdidos. Já sabem o que querem. Ali está.

A luz da lanterna torna evidente o que do outro lado a enorme estatura da coisa torna também evidente. Luz de um lado e proporções gigantes do outro. Está ali, murmura um dos homens.

Aproximaram-se. Tiraram tudo da frente.

Tarefa difícil. Muitos objectos guardados. Objectos valiosos — algumas peças em ouro. Mas não era disso que eles estavam à procura. O que agora, sim, tornava mais estranha esta incursão

nocturna, este assalto: quando alguém não quer ouro, e o despreza, então quer algo ainda mais poderoso, e tal desejo assusta. Não é precipitado rezear os homens que ignoram o ouro; faz sentido receá-los mais ainda do que aos homens obcecados por esse metal.

De facto, não. Os dois homens querem apenas aquele objecto enorme, com mais de dois metros.

Um dos irmãos procurou e encontrou um banco. Colocou-o junto ao enorme vulto que se constituía como o único foco daquele crime. Era uma estátua, eis que tal é já evidente. E é essa estátua que eles pretendem. Porém, a enorme estátua está rodeada por um plástico que a cobre por completo. É necessário confirmar que aquela é a estátua. Seria um desastre roubar a estátua errada.

Um dos irmãos sobe então lá acima. A sensação é igual à sentida no velório quando se vai olhar pela primeira vez para o rosto do morto para confirmar se é mesmo o morto; se a cara do morto ainda se consegue identificar com a do vivo.

É o irmão mais novo que sobe ao banco. Lá de baixo o outro diz-lhe, baixinho, para rasgar, à força, com as mãos, o material que cobre o rosto da estátua. Depois tapariam tudo de novo, sem qualquer problema.

O homem mais novo está já defronte de um plástico e adivinha-se do outro lado, coberto, um rosto. Com as duas mãos e um tremendo esforço, ele abre o invólucro a meio na zona que anuncia o rosto da estátua. Atrás desse plástico há ainda um outro. A cara da estátua ainda não se vê.

São vários plásticos — diz o irmão mais novo lá de cima.

Cá em baixo, entretanto, o homem dirige a lanterna para a zona onde dez dedos voltam de novo à intensidade brutal.

Os plásticos são grossos, ele nunca conseguiria rasgar mais do que um de cada vez.

Continua! — murmura o irmão cá em baixo.

O segundo plástico está rasgado e há ainda um terceiro. É o último, parece.

É o último — diz o irmão lá em cima.

Em frente! — diz o irmão mais velho, o que está em baixo e que aponta a lanterna em direção ao rosto da estátua ainda tapado.

Lá em cima, ainda antes de uma acção brusca, encosta-se o último plástico ao rosto da estátua. Lá em baixo aponta-se a lanterna com precisão.

É ele? — pergunta lá em cima o mais novo.

O mais velho, em baixo, faz a mesma pergunta.

É ele?

O irmão mais novo está mais perto do rosto, mais facilmente confirmaria ou não a expectativa.

Não dá para ver — diz, no entanto, lá de cima.

E não dava. Com o plástico encostado ao rosto e a luz a incidir sobre o plástico ainda não se conseguiam perceber bem os traços. Aquela estátua, naquele momento, poderia ser ainda de uma pessoa qualquer; estava tudo em aberto.

Era uma pessoa, sim, o irmão mais novo confirmava — sentia com as suas mãos o nariz de pedra, a boca, os olhos, o bom trabalho do escultor. Era um homem, não era outra coisa. Mas podia ainda ser qualquer homem.

Tinham quase a certeza, mas era necessário confirmar.

Recuperado dos esforços anteriores, o irmão mais novo rasgou então o último plástico. Finalmente o rosto da estátua estava visível.

É ele? — perguntou outra vez, ansioso, o irmão mais velho.

A sua lanterna apontava agora para a nuca do irmão que, sem se aperceber, estava entre o rosto finalmente a descoberto da estátua e os olhos ansiosos do irmão mais velho.

De novo a pergunta veio lá de baixo:

É ele?

Sim — respondeu com uma voz sumida, lá de cima, o irmão mais novo.

Era a voz de quem acabara de apanhar um susto. A voz tremida. E tal era estranho, pois ele vira o que esperava. Era o rosto procurado.

É ele? É ele?

Lá em cima o irmão mais novo afastou-se e deixou que a luz da lanterna lá de baixo incidisse no rosto da estátua.

Agora, sim, estava claro para os dois. Era o que procuravam. A luz da lanterna parecia tremer no momento do reconhecimento daquele rosto. Como se na posse de um movimento minúsculo, mas de grande intensidade. Uma pequena luz à volta de um rosto.

É ele! — ouviu-se lá de baixo.

O foco de luz marcava agora aquele rosto como se o tocasse. Os traços, que no primeiro olhar pareciam gerais, tornavam-se, a cada segundo que passava, indiscutíveis. Haviám encontrado o que procuravam. Era o rosto de Lenine, sem dúvida.

É ele. É ele.

A

De comboio entre Bucareste e Budapeste

1. O comboio avançou, a lua alta, Miklós olhou para o relógio: o vidrinho partido, o ponteiro das horas desaparecera.
2. Não sabes as horas, Miklós, então olha pela janela. Vê a luz.
3. Pensamento ligado às questões difíceis suspenso, pois agora Miklós canaliza toda a sua energia intelectual e também os seus dedos, a sua mão evoluída: tenta abrir a janela. Não consegue.
4. Este comboio — este comboio está a cair?
5. O funcionário não respondeu.
6. Claro que não está a cair — alguém disse.
7. Nenhum veneno deixa de ser uma espécie de aprendizagem: o corpo está perante o estranho, altera-se; aprende, no limite, o que antes não sabia: como se morre.
8. Estás no lugar do noivo, Miklós, à espera. Mas ao que aí vem chamam medo. Noiva indesejada.
9. Dói pensar; baixas, pois, a cabeça quase como se a tentasses esconder. Mas não podes deixar de pensar. Alguém ligou uma coisa, antes de tu chegares, e agora és incapaz de